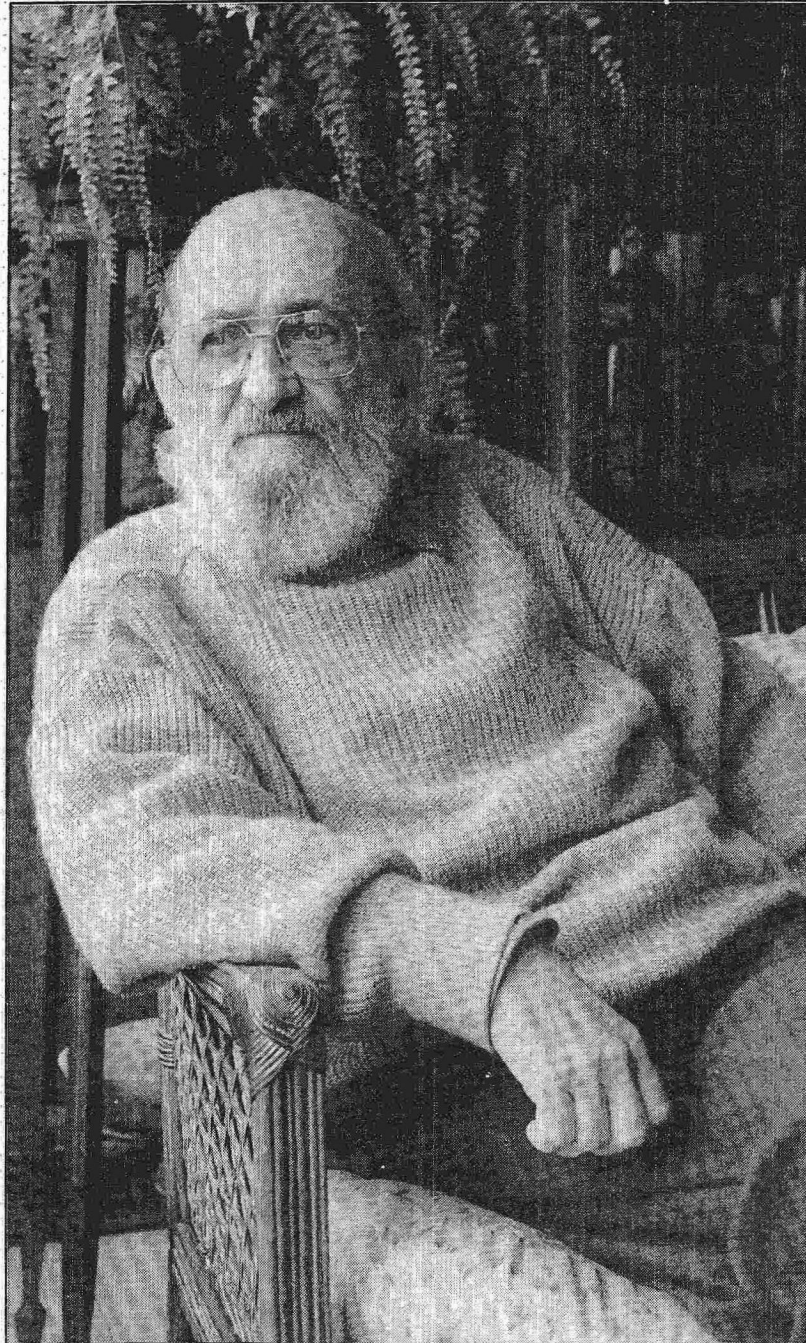


Escolas particulares aposentam as “tias”

Clovis Cranchi Sobr./AE



Freire: para ser educador não é necessário ser pura afetividade

Forma de se dirigir à professora está sendo revista por pedagogos

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

A “tia” da escola pode estar com os dias contados. Nos estabelecimentos que adotam métodos de ensino na linha sócio-construtivista, os professores já não são mais chamados de “tios” ou “tias” e o costume tende a se expandir para as redes tradicionais, prevendo educadores. O resgate do termo professora não é uma simples questão semântica. Os adeptos das modernas práticas pedagógicas ponderam que, além de não ser realmente uma extensão familiar, a professora representa um novo modelo na vida da criança e como tal deve ser preservada.

“Ser professora implica assumir uma profissão, enquanto ser ‘tia’ é viver uma relação de parentesco”, escreve o pedagogo Paulo Freire em seu livro *Professora sim, tia não*, já na segunda edição, lançado pela editora Olho D’Água. “Chamar a professora de tia é no fundo uma ideologia que trabalha contra o rigor da profissionalização da educadora, como se para ser boa professora fosse necessário ser pura afetividade”, diz.

O psiquiatra infantil e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, Haim Grunspun, também condena o processo

de ensino/aprendizagem baseado numa relação de afetividade. “O professor é um personagem importante que não substitui afetos familiares”, adverte. “Se substituir, está errado”, afirma Grunspun. Para ele, o componente afetivo até pode existir, mas não como ideologia. “As crianças precisam de uma imagem idealizada, alguém que possa transmitir os valores da vida”, diz o psiquiatra. “O professor é o mentor deste processo de criação de ideologias.”

Culpa — O costume de chamar a professora de “tia” vem da década de 60, quando as mulheres precisa-

ram recorrer às escolas para cuidar dos filhos, enquanto buscavam afirmação profissional. “De certa forma, entregar o filho à tia e não à professora aliviava a culpa das mães”, pondera a pedagoga Mônica Haucke Porta. Ela dirige a escola Espaço Livre, em Perdizes, Zona Oeste de São Paulo. Lá funcionam 8 classes de maternal ao pré, pa-

ra crianças de até 6 anos e ninguém usa o termo “tia” para se dirigir à professora.

“Este tratamento dissimula a relação de autoridade”, considera Mônica. “A criança precisa diferenciar universos e perceber que cada espaço tem seus próprios valores.” Segundo a pedagoga, as chamadas escolas alternativas — hoje sócio-construtivistas — começaram a reverter o tratamento nos anos 70. Praticamente, nunca autorizaram o ter-

mo dentro da classe. “No começo, os pais estranharam”, lembra Mônica. “Alguns chegaram a alegar que todas as outras crianças tinham ‘tia’ na escola, menos seus filhos.”

Conceito — Hoje, a dúvida está pelo menos entre aqueles que escolhem a escola de acordo com suas convicções. A pedagoga acha que dentro de mais alguns anos, as demais escolas adotarão a medida porque é saudável e real. O psiquiatra Grunspun reforça que a relação de aprendizado é uma nova aquisição na vida da criança. “A professora abre as portas de um novo mundo”, afirma. “Ela é portadora de um conhecimento e, portanto, não está em situação de igualdade com as

crianças”, pondera.

Na opinião do psiquiatra, “como ‘tia’ a profissional acaba não considerando o seu próprio processo, do qual é proprietária”. Segundo o pedagogo, existe uma ideologia de desprofissionalização do educador. “A afirmação profissional emerge da conquista dos direitos, do exercício pleno da função. O aluno aprende a respeitar a partir do respeito”, constata. E pergunta: “Como as crianças podem entender 10 mil ‘tias’ em greve?” Lia Maomi Untem, 5 anos, aluna da Escola Espaço Livre, com certeza não entenderia. Ela tem claro cada papel: “Professora é uma pessoa que educa, ensina brincadeiras e coisas; tia é a irmã da mamãe”, define.

COSTUME
SE
PROPAGOU
POR
COLÉGIOS
NA DÉCADA
DE 60